

CONCEPÇÃO DOCENTE SOBRE O PROCESSO DE ALFABETIZAR LETRANDO

Pedro Kiarelly da Silva¹
Larissa Cristina Viana Lopes²

Este artigo objetiva investigar a percepção/concepção docente sobre o processo de alfabetizar letrando numa sala de aula de 1º ano do Ensino Fundamental Menor, da Escola Estadual Governador Walfredo Gurgel, na cidade de Antonio Martins-RN. A pesquisa foi feita através de um questionário, contendo 10 (dez) questões acerca do tema mencionado, remetendo às características encontradas no cotidiano da sala de aula. À luz das discussões de Colello (2004), Fontes (2013) e Soares (2004; 2012), entre outros, sobre alfabetização e letramento na escola, analisamos as respostas da professora e constatamos problemas conceituais e concepções fechadas sobre metodologias no processo de alfabetizar letrando. Percebemos ainda seu olhar sobre a contradição entre os planos governamentais para a alfabetização e a realidade que ela presencia com seus alunos.

PALAVRAS-CHAVE: Alfabetização, letramento, concepção docente.

Considerações Iniciais

Considerando o objetivo da escola de formar cidadãos leitores crítico-reflexivos, esta pesquisa se relaciona com a concepção docente acerca do processo de alfabetização e letramento na sala de aula.

A pesquisa foi desenvolvida na Escola Estadual Governador Walfredo Gurgel, localizada em Antônio Martins-RN. Nosso instrumento de pesquisa se constituiu de um questionário com a docente do 1º ano do Ensino Fundamental, a quem nomeamos de Ana Caroline Batista, formada em Pedagogia, Letras, e Pós-Graduada em Psicopedagogia. A escolha por uma professora desta série se justifica pelo fato de ser a principal fase da escola dedicada ao conhecimento de letras e sílabas.

As questões propostas passeiam por temas que vão dos processos de aquisição de leitura e escrita à prática pedagógica, bem como as dificuldades que a docente enfrenta para alfabetizar/letrar alunos. As respostas da professora são, portanto, o nosso *corpus* e a partir dele investigaremos quais as suas percepções/concepções sobre o processo de alfabetizar letrando na sua sala de aula.

¹ Graduando em Pedagogia do Núcleo Avançado de Educação Superior – NAESA - , na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN.

² Professora do Departamento de Letras e Educação do *Campus* Avançado de Patu – CAP - , na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN.

Neste contexto, nosso trabalho apresenta duas seções: inicialmente, discutiremos sobre os processos de aquisição e uso da língua escrita e o alfabetizar letrando, conforme as concepções de Colello (2004), Fontes (2013) Soares (2004; 2012), entre outros; seguidamente, faremos a análise das respostas da professora Ana Carolina, confrontando com as discussões teóricas sobre alfabetização e letramento.

Discutindo alfabetização e letramento

Alfabetizar e letrar crianças ou adultos hoje, exige paciência e dedicação, além de um saber pedagógico e metodológico. Esse processo é lento e precisa de um envolvimento do professor, comunidade escolar, aluno e família, para obter resultados favoráveis e satisfatórios.

A alfabetização e o letramento têm seu ápice na escola por ela ser uma instituição formal, onde se obedece às regras metodológicas e principalmente o planejamento, objetivando, nesta esfera, formar cidadãos leitores autônomos. Entre velhas e atuais discussões, a alfabetização permanece como centro de grande parte dos debates na educação brasileira.

Para conceituar:

A alfabetização torna-se um processo de elaboração e construção de hipóteses sobre a aquisição, a estruturação e funcionamento da língua escrita, já que, para ler e escrever, o aluno precisa ser colocado em situações que o desafiem para que esse sinta a necessidade de refletir sobre a língua e, assim, consiga transformar as informações em conhecimentos próprios. Ultrapassando a ideia de o aluno encontrar um conhecimento pronto, dado/transmitido pelo professor, mas de vivenciar um processo de construção. (FONTES. 2013 p. 07).

O processo de aquisição da língua escrita deve levar o aluno a refletir sobre a própria língua, a fim de que consiga apropriar-se de informações por ele transformadas em conhecimentos seus. Pois o conhecimento não está “pronto” na escola para ser “entregue” ao aluno.

Por outro lado, o método tradicional de alfabetização está intrinsecamente ligado a uma metodologia unitária, na qual o docente traça métodos que não são nada atrativos aos alunos, facilitando o desinteresse, a dificuldade na aprendizagem, contribuindo para uma possível evasão escolar, pois o estudante apenas “recebe” conhecimentos. Nesta perspectiva,

[...] na proposta de ensino, baseada nos métodos tradicionais de alfabetização, o aluno era visto como um ser passivo no processo de aprendizagem da língua escrita, pois a ele não era dada a oportunidade de participar desse processo de forma ativa como um sujeito aprendente [...]. (FONTES.2013.p.05).

Os métodos tradicionais de alfabetização tratam o aluno como ser passivo no qual se “deposita” conhecimento. Estes métodos, baseados no que Colello (2004) chama de “somar pedaços de escrita”, não apontam para o fato de que a capacidade de ler e escrever comporta a compreensão sobre o funcionamento e estrutura da língua bem como seus usos sociais.

Colello (2004) assevera que a alfabetização é um processo de elaboração pessoal, porque depende exclusivamente do indivíduo; e pedagogicamente ordenado, porque a aprendizagem está sujeita às oportunidades de contato que a criança tem com a leitura e a escrita. Por isso, as atividades trazidas e desenvolvidas em sala de aula só conseguirão resultados satisfatórios quando conciliarem o mínimo e o máximo de dificuldades, ou seja, o professor deve equilibrar o nível de dificuldades das atividades as quais devem estimular o esforço de reflexão para solucionar problemas. A leitura, por exemplo, auxilia na construção de uma visão sobre as coisas do mundo e sobre a sociedade em que se está inserido.

É por isso que a alfabetização e letramento são indispensáveis, porque impulsionam a inserção do aluno/cidadão na vida em sociedade. Assim esses processos interdependentes exigem formas de aprendizagem diversificada e competências para que sejam executadas de forma. A interdependência dos termos acabou por gerar a expressão alfabetizar letrando. Para Soares (2004, p. 12) esse processo é imprescindível, pois ambos se complementam:

Alfabetizar letrando ou letrar alfabetizando pela integração e pela articulação das várias facetas do processo de aprendizagem inicial da língua escrita é sem dúvida o caminho para superação dos problemas que vimos enfrentando nesta etapa da escolarização; descaminhos serão tentativas de voltar a privilegiar esta ou aquela faceta como se fez no passado, como se faz hoje, sempre resultando no reiterado fracasso da escola brasileira em dar às crianças acesso efetivo ao mundo da escrita.

Assim sendo, podemos ver a importância e a compatibilidade que está presente no processo de ensino-aprendizagem quando este se direciona ao alfabetizar letrando, trazendo dos usos sociais da língua escrita. Isto é, a aquisição da língua escrita exige decodificação, construção de sentido e utilização social.

Pode-se considerar outra forma de tentar definir em sentido mais amplo o conceito de alfabetização e letramento.

Conhecer as letras e os sons [...] é um pré-suposto indispensável para o processo de aprendizagem da leitura e da escrita, mas, além disso, é fundamental também buscar sentido, significado e compreender o que está escrito, contemplando, desse modo, as duas facetas da aprendizagem: a alfabetização e o letramento (FONTES. 2013. P.08).

Fica explícito que o processo de alfabetização vai muito além de decodificar símbolos, signos. Alfabetizar letrando tem, pois, um sentido profundo, em que é necessário levar em consideração todo o aprendizado existente no aluno e ajudá-lo na aquisição de leitura e escrita, considerando seus contextos de uso.

[...] no alfabetizar letrando, a criança não se limita ao conhecimento das letras [...], ao domínio da relação entre som e grafia, à capacidade de ler e escrever [...]. O alfabetizar letrando [...] Requer do aluno a capacidade de tornar-se usuário da leitura e da escrita no convívio social pela familiaridade com os eventos, práticas de letramento e usos sociais da língua de modo que tem propriedade para atribuir significados e usar a língua escrita em contextos diversos (FONTES, 2013, p 09).

A alfabetizar letrando, portanto, orienta o aluno para apropriar-se do código e também trazer para o seu cotidiano, como prática, levando em conta conhecimentos preexistentes para que, alinhando os dois, possa desenvolver a aquisição não só da língua escrita, mas também compreender suas funções e saber utilizar socialmente.

Kleiman (2002) reforça essa ideia quando ressalta que o letramento vai além da alfabetização, por estar relacionado não somente às práticas individuais do processo de aquisição de códigos, mas como uma prática social promovida pela escola e também outras agências como a família, a igreja, etc.

Nesse contexto podemos destacar de forma mais abrangente que a alfabetização e o letramento não estão presos à escola, ou seja, esta não é o único lugar para ser alfabetizado/letrado, assim podemos constatar que de forma plural se aprende nos mais variados lugares, no convívio social e nas instituições que estão presentes diariamente na vida de todos.

A perspectiva sociolinguística da alfabetização a vê como um processo intrinsecamente ligado aos usos sociais da língua. Soares (2012) indica que a escola privilegia a escrita sobre a oralidade e, por isso, pouco considera os valores culturais do contexto social e econômico em que a língua é usada. As variações da língua que há no país de forma geral:

[...] variam de comunidade para comunidade. Tais variações alteram os processos de alfabetização que propõe o ensino voltado para a realidade sociocultural das crianças, tendo em vista que a língua escrita não é um meio

de comunicação neutro ou descontextualizado, mas carregada de atitudes, valores culturais dos contextos sociais, cultural e econômico no qual a língua é usada FONTES (2013. p.05).

A escola e o professor precisam nortear o processo de alfabetizar letrando considerando o contexto sociocultural dos discentes, já que as variações modificam esse processo, tendo em vista que a língua escrita sempre está inserida numa conjuntura.

Essa proposição dá uma abertura a vários questionamentos: o livro didático como principal recurso utilizado pelos professores e alunos considera as variações da língua? Na sala de aula se discute o fato de que a modalidade escrita da língua se difere da modalidade oral?

Deste modo, compreendemos que o processo de alfabetizar letrando envolve um conjunto de fatores os quais consideram a aquisição da língua escrita contextualizada, codificação e decodificação, a construção de sentidos, a divergência entre oralidade e escrita, a função e o uso nas práticas sociais e as variações da língua.

A visão docente sobre o processo de alfabetizar letrando numa sala de aula de 1º ano do Ensino Fundamental

O processo de aquisição de língua escrita na escola enfrenta dificuldades: os métodos ainda tradicionais, a desconsideração dos aspectos sociais e políticos que condicionam a aprendizagem, o não aproveitamento do conhecimento prévio do aluno, a falta de uma perspectiva que leve em conta as variações da língua.

São muitos os fatores, já discutidos anteriormente. Para compreendermos um pouco melhor sobre este processo, aplicamos um questionário com 10 (dez) perguntas a professora Ana Carolina (pseudônimo), que leciona no 1º ano do E. F., a fim de compreendermos suas concepções sobre alfabetização e letramento na escola. Nossa análise será feita passando por cada pergunta, citando as respostas da professora e, em seguida, trazendo as algumas considerações.

Como ponto de partida perguntamos: 1) Para você como docente, o que é Alfabetização e Letramento? Segundo a professora:

1. Alfabetização – é o aprimoramento na fala e escrita, ou seja é o aprender a codificar e decodificar as palavras.

Letramento – é o processo que antecede a alfabetização significa o conhecimento que letrar é quando o aluno decodifica, você passa a dar o sentido ao que lê.

A resposta induz a pensar num conceito restrito de alfabetização porque a situa somente em codificar e decodificar palavras, desprezando as questões de compreensão e sentido daquilo que lê/escreve. Esta característica é atribuída ao letramento, para o qual a questionada não apontou o uso da língua escrita nas práticas sociais. Mesmo assim, ela reconhece que o letramento vai muito além do aprendizado da escola, quando diz que ele antecede a alfabetização. Sobre esses conceitos, Soares (2012, p.16) ressalta:

[...] é um processo de representação de fonemas e grafemas, e vice-versa, mas também um processo de compreensão/expressão de significados por meio do código escrito. [...] já letrar tem a função de inserir e familiarizar a criança com as diversas práticas e usos sociais da leitura e da escrita [...].

A alfabetização também cuida da construção de sentidos, o letramento cuida de saber utilizar nas práticas sociais essa língua escrita. A resposta da professora não condiz com as discussões recentes sobre os conceitos de alfabetização e letramento.

A indagação seguinte aborda seu diagnóstico sobre o aluno alfabetizado: 2) A partir de que momento você observa que seu aluno está alfabetizado?

2. Quando ele constrói textos, ler, escreve com eficiência e qualidade.

Tendo como ponto de partida a resposta utilizada pela professora, podemos ver que a mesma não explicita o que considera ler e escrever com eficiência e qualidade. Isso se refere à adequação gramatical? À coerência? O que seria construir textos? Antes de ser alfabetizado, ao aluno não constrói textos? A resposta resumida e vaga da docente unida às palavras da pergunta anterior, permitem-nos refletir sobre os conceitos fechados e tradicionais que ela expõe, os quais vão influir diretamente no processo de alfabetização/letramento dos seus alunos.

É importante ressaltar que o aluno alfabetizado/letrado é aquele que coloca em prática na sua vida social, os conteúdos aprendidos em sala de aula. É aquele que se apropria da escrita porque sabe utilizá-la em contextos diferentes e conhece suas funções.

Sabendo da importância dos processos metodológicos utilizados pelo professor para facilitar o processo de ensino-aprendizagem dos alunos, questionamos sobre 3) quais métodos ela utiliza para alfabetizar os seus alunos:

3. Trabalhar com crianças requer atenção especial, por isso temos que trabalhar com métodos diversificados, com atividades organizadas para que tenham diferentes formas de

representação infantil, tanto lúdica como textual, como forma de chamar atenção dos alunos.

A docente, ao mencionar a importância de várias maneiras metodológicas, compreende que o aluno não se enquadra nos moldes tradicionais, no entanto, ela não consegue explicitar métodos de ensino, conforme a pergunta requer. Além disso, ela separa a ludicidade do texto quando diz “formas de representação infantil, tanto lúdica como textual”, como se o trabalho com o texto não pudesse ser lúdico, ou como se o texto propriamente dito não o fosse.

Complementado ainda a cerca dos métodos utilizados em sala de aula, a professora foi indagada 4) se existe atualmente um método que facilita o processo de alfabetização. Ela respondeu:

4. Não existe um método especial e, sim buscar o que vai despertar o interesse da criança o processo de ensino e aprendizagem.

A docente aponta para várias metodologias, para a necessidade de inovar nas suas práticas para atrair o interesse do aluno e, conseqüentemente, trazer bons resultados para a aprendizagem. Todavia, apesar de não ter um método específico, talvez fosse possível citar alguns os quais embasam sua prática e/ou os que têm funcionado melhor. Há de se considerar também que, segundo ela, não é necessário oficializar um método, já que o método importante e necessário no processo de alfabetização dos alunos envolve criatividade e dinamismo, diversificando a prática pedagógica.

Percebendo a importância do conhecimento prévio dos alunos no processo de alfabetização e na construção deste, perguntamos a docente: 5) o que você considera essencial para o processo de alfabetizar letrando?

5. O conhecimento prévio dos alunos ao chegar na escola, pois o professor trabalhando esses conhecimentos prévios facilita no processo de leitura e escrita de acordo com o seu cotidiano.

Podemos entender que a docente tem em sua prática uma constante preocupação com o conhecimento prévio dos alunos. Ela compreende que aproveitar o conhecimento que o aluno já possui facilita seu trabalho e dá sentido à aprendizagem adquirida por ele. Nesse contexto, é importante que o docente cotidianamente possa instigar os alunos, avaliando os

conhecimentos prévios para que possa traçar planos e metas as quais possam contribuir para o processo de alfabetização dos discentes.

Questionada sobre 6) quais as principais dificuldades enfrentadas para alfabetizar seus alunos, a professora revelou o que não é mais segredo para um profissional na educação:

6. A ausência da família, o número excessivo em sala de aula.

É preciso levar em conta que desde muito tempo a preocupação que a escola tem com relação à família na ação pedagógica não tem tido respostas positivas. A parceria família-escola é imprescindível, mas infelizmente, pouco tem acontecido. A ausência da família na escola, conforme a professora, embaraça o processo de aquisição de leitura e escrita dos alunos. Outro ponto merecedor de destaque é a superlotação de salas de aulas, onde o professor não dá conta de atender a tantas necessidades diferentes ao mesmo tempo.

Interpelando a docente sobre 6) que recursos didático-tecnológicos são utilizados por ela no processo de alfabetização, obtivemos a seguinte resposta:

7. Diversos jogos, vídeo, retroprojeter, aparelho de som, gravuras, data show e outros materiais concretos.

Neste ponto é possível observar que a professora diz utilizar meios tecnológicos diversificados que favoreçam o aprendizado do aluno, assim não se tem mais uma aula cansativa, decorativa, mas uma aula produtiva, em que o aluno aprende brincando, em outras palavras, o aluno para aprender não precisa estar sentado em uma cadeira todo o tempo regular, com os olhos fixos no quadro. O que nos chamou a atenção foi o retroprojeter ainda utilizado como recurso. Então, embora ela faça uso de tantos instrumentos, ainda “cai” no ultrapassado, pois quase não é falado hoje em dia em retroprojeter sendo usado em aulas por professores.

A utilização de jogos, vídeos, som e imagens são recursos que podem ajudar ao processo de alfabetizar letrando porque pode possibilitar (re)conhecer o uso da língua em contextos variados.

A pergunta seguinte contempla algo já citado por ela como importante: o conhecimento que o aluno já possui. Indagação: Sabe-se que ao chegar à escola o aluno já traz seu conhecimento e sua visão de mundo. Você acredita que essas experiências podem servir como ponto de partida para a alfabetização? Por quê?

8. *Sim, pois ele faz uma leitura de mundo no seu cotidiano, na sua comunidade, e ao chegar a escola ela vai contrastar com a prática da leitura e da escrita.*

A visão que o aluno traz de sua vida cotidiana, se for bem explorada pelo docente, esse irá criar inúmeras metodologias de trabalho, facilitando o seu plano metodológico e instigando o aprendizado dos alunos. Além disso, esse aproveitamento ainda sugere que o discente perceba os usos da língua escrita ainda que não esteja alfabetizado.

O nosso país, estado e município possuem variadas formas de linguagem, que se dão tanto por diferenças regionais como por diferenças culturais. Aliado a isso a docente foi questionada se acreditava que a escola é capaz de preparar seus alunos para saberem lidar com essas diferenças. Como resposta, temos:

9. *A diversidade cultural é riqueza da humanidade, o professor tem que trabalhar o respeito da diversidade, tolerância, levando em consideração a origem sócio-cultural e econômica do próprio aluno. A escola media o conhecimento para essa convivência com as diferenças e o aluno tem que buscar constantemente esse aperfeiçoamento.*

A docente se mostra consciente sobre a heterogeneidade cultural, mas não se referiu à especificidade da pergunta, que sugeria as diferenças de linguagem que particularizam modos de falar/expressar, atribuir significado, o realce vindo do sotaque, etc. O processo de alfabetização e letramento precisa se voltar também para essas diferenças para que o aluno seja consciente das variações linguísticas do português brasileiro.

Finalizando o questionário a docente foi indagada sobre 8) que pontos destacaria de importantes sobre a alfabetização na idade certa. Ela enfatiza:

10. *Como temos em nosso país de realidades diferentes, essa idade estipulada na meta de alfabetização e o acompanhamento dos resultados são pautas que deveriam ser estudados melhor, essa alfabetização do 1º ao 3º ano do ensino fundamental é uma política de quem não conhece a realidade da docência em sala de aula. As famílias assumissem o compromisso e participação da vida escolar de seus filhos, livros didáticos de acordo com a idade e a região que o aluno está inserido, bom planejamento e um espaço físico agradável, aulas dinâmicas, utilizando como base fundamental o lúdico, contação de histórias e etc.*

A docente mostra em sua fala a importância de rever o perfil dessa “nova alfabetização”, ou dessa nomenclatura utilizada no contexto escolar atual. Ao dizer que a política de alfabetização do 1º ao 3º ano do Ensino Fundamental não condiz com a sua realidade, a compreensão que se pode ter desta resposta é que para que o processo de alfabetização pudesse ser cumprido até o 3º ano do E.F., seria necessário todo um aparato por

parte da família, do livro didático selecionado, o planejamento e o ambiente físico da escola como espaço mais agradável. A docente compreende que não somente o processo de alfabetização, porém, a educação como um todo, precisa considerar e avaliar contexto de vida dos alunos para conseguir pensar e trazer mudanças que façam a diferença nos resultados.

Assim, as percepções/concepções da docente de 1º ano do E. F revelam conceitos tradicionais sobre alfabetização e letramento, falta de clareza ao proferir sobre os métodos que utiliza no processo de alfabetização dos alunos e sobre a utilização de recursos tecnológicos. Por outro lado, ela reconhece, segundo suas respostas, que o conhecimento prévio do aluno é fundamental para o processo de aquisição da língua escrita e que o quadro situacional em que o discente está inserido parece não se encaixar nos projetos idealizados pelas políticas públicas governamentais, as quais se distanciam da realidade que ela vive junto aos seus alunos.

Considerações finais

O presente trabalho teve como objetivo discutir concepções da docente de 1º ano de E. F., sobre alfabetização e letramento na escola, enviando pelos conceitos, principais dificuldades encontradas no seu cotidiano e suas práticas pedagógicas.

Assim como foi discutido a partir das respostas da docente, vemos que os conceitos de alfabetização e letramento ou o alfabetizar letrando, embora constantemente discutidos, estão confusos nas respostas obtidas através do questionário. Isso pode trazer implicações pedagógicas negativas no processo de aprendizagem da língua em sala de aula. Ela também não esclarece sobre métodos usados em sala de aula, embora diga ser contrária ao tradicionalismo.

Com isso, vimos que as percepções da docente sobre o processo de alfabetizar letrando parecem estar fechadas, pois não transpareceu haver um embasamento teórico consistente e isso nos é justificado pelas respostas que não indicam com precisão suas metodologias e, por alguns momentos, são respostas incoerentes com as perguntas.

Com estes resultados esperamos ter contribuído para as discussões sobre alfabetização e letramento e para um alerta sobre os professores alfabetizadores e suas concepções. A professora aqui questionada, embora tenha formação na área, não conseguiu êxito em nos mostrar o que fundamenta sua prática, conforme suas próprias percepções. Isso aponta para a continuação não somente desta, mas de muitas pesquisas sobre o assunto aqui discutido.

Referências Bibliográficas

KLEIMAN, Angela B. Modelos de letramentos e as praticas de alfabetização na escola. In: _____. (Org). **Os Significados do letramento**: uma nova perspectiva sobre a prática social de escrita. Campinas/SP: Mercado das Letras, 2012.

COLELLO, S. M. G. Alfabetização em questão. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

SOARES, M. **Alfabetização e letramento, caminhos e descaminhos**. Pátio, nº. 29. Ano VII, editora Artes Médicas Sul Ltda, 2004.

_____. **Alfabetização e letramento**.São Paulo Ed.6. São Paulo:Contexto,2011.

FONTES, F. C. O.; BENEVIDES, A. S. **Alfabetização de crianças: dos métodos à alfabetização em uma perspectiva de letramento**. Fórum Internacional de Pedagogia. Vitória da Conquista/BA.**Anais do V FIPED**. Campina Grande/PB: Editora Realize, 2013.